

MULHERES NA DECISÃO POLÍTICA

Ficha de apoio à discussão em grupo
(1ª Sessão, 18.2.94)

1. *"A democracia paritária é uma proposta deste tempo que não se insere de forma linear na única lógica de igualdade entre homens e mulheres. A cidadania das mulheres que implica a sua representação paritária, não é uma concessão generosa nem um processo de mera equivalência numérica. É em outro registo que a questão se situa. E esse registo é historicamente inédito.*

Mais, muito mais do que a reivindicar, estamos a alertar para uma oportunidade única para todos, homens e mulheres. Mais, muito mais do que a defender um direito das mulheres, estamos a convocar a vontade política de mulheres e homens para lançarmos os fundamentos de um novo contracto social.

Está em causa o exercício da plena cidadania das mulheres. Mas está igualmente em causa a necessidade imperiosa de re-definir a democracia...."

"... a cidadania das mulheres - abarca novas dimensões dos direitos fundamentais e abre caminho para a articulação das diferentes esferas da realidade social. Pela experiência milenária que possuem da polivalência, da multifuncionalidade, nas tarefas que lhes foram tradicionalmente atribuídas, as mulheres, no seu conjunto, tornam visível aquilo a que Morin chama a "circularidade do real". É nessa circularidade do real que o princípio fulcral da ciência - a complexidade - se pode desdobrar em soluções viáveis e humanas."

1. O que é que o conceito de democracia paritária traz de novo relativamente à noção de igualdade de direitos?

2. Em que é que a tomada de decisão das mulheres, na esfera pública e na esfera privada, poderá contribuir para uma redefinição da democracia?

2. "...o pessoal é político; o político é pessoal".

Porque tudo o que é objecto da política afecta directa ou indirectamente cada homem e cada mulher. Diz-nos respeito, enquanto cidadãos. Quando a política é internalizada torna-se pessoal.

Porque tudo o que é pessoal faz parte de um sistema mais vasto em que estão presentes inúmeras e sempre diferentes formas de poder. Tudo o que é pessoal tem ressonância política, torna-se político.

A cultura europeia dá-nos, num dos seus mitos fundadores, a plena dimensão do que nesta afirmação se joga. Face à afirmação pública da consciência pessoal de Antígona, Creonte deixa bem vincada a sua posição:

"É nosso dever defender a ordem e evitar que alguma vez uma mulher tenha o primeiro lugar. É melhor tombar, se for necessário, sob a espada de um homem do que ser derrotado por uma mulher."

E em outro momento exclama:

"Enquanto eu viver não será uma mulher a ditar a lei."

Deixemos Creonte seguro na sua convicção da impossibilidade de as mulheres ditarem a lei. Todas as Antígonas do mundo saberão descobrir o gesto novo que fortalece, no cerne mesmo da lei, a seiva humana que a legitima e desafia."

1. Como experimentamos nas nossas vidas a ligação entre o pessoal e o político?

2. Quais as possibilidades de as mulheres introduzirem nas leis dimensões mais humanas e exigirem a sua aplicação?

(Citações da Intervenção de Maria de Lourdes Pintasilgo
no Parlamento Paritário, Lisboa, 31.1.94)